

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
TURMA: LETRAS/PORTUGUÊS PARFOR/TAILÂNDIA

Elisama Cordeiro Lima Furtado
Márcia Socorro Correa Monteiro

**PRÁTICA DA LEITURA NA TURMA DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Em duas escolas da Cidade e do Campo,
respectivamente, no Município de Tailândia Pará**

TAILÂNDIA -PA
2014

Elisama Cordeiro Lima Furtado
Márcia Socorro Correa Monteiro

**PRÁTICA DA LEITURA NA TURMA DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Em duas escolas da Cidade e do Campo,
respectivamente, no Município de Tailândia Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, núcleo de Tailândia-PA, ao Colegiado do Curso de Letras da UFPA para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa. Sob orientação da Professora Janiby Silva de Oliveira.

TAILÂNDIA- PA
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F992p Furtado, Elisama Cordeiro Lima.
Prática da leitura na turma do 6º ano do ensino fundamental: :
em duas escolas da cidade e do campo respectivamente, no
município de Tailândia Pará / Elisama Cordeiro Lima Furtado,
Márcia Socorro Correa Monteiro . — 2014.
52 f. : il.

Orientador(a): Profª. MSc. Janiby Silva de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Letramento. 2. Leitura. 3. Prática pedagógica. I. Título.

CDD 370

Elisama Cordeiro Lima Furtado
Márcia Socorro Correa Monteiro

**PRÁTICA DA LEITURA NA TURMA DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: Em duas escolas da Cidade e do Campo,
respectivamente, no Município de Tailândia Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, núcleo de Tailândia-PA,
ao Colegiado do Curso de Letras da UFPA para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras-
Habilitação em Língua Portuguesa. Sob orientação da
Professora Janiby Silva de Oliveira.

Banca Examinadora

Professora Janiby Silva de Oliveira
Orientador - UFPA

Professor Edson de Freitas Gomes
Instituição- UFPA

Professor
Instituição

Apresentado em: ____ / ____ / ____.

Conceito: _____

TAILÂNDIA- PA
2014

AGRADECIMENTOS - Elisama Cordeiro Lima Furtado

Quero agradecer e reconhecer a grandeza do meu Deus que é maravilhoso e onipresente. Nessa trajetória que fui instruindo, iluminada e abençoada em todos os momentos da minha vida.

Ao governo por ter criado o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Nos qualificando para que haja um ensino de qualidade, professores com competências e habilidades para uma atuação melhor como docente,

À Universidade Federal do Pará- UFPA, pela oportunidade de proporcionar esse curso de ensino e aprendizagem, quando se propôs a apoiar essa formação para professores.

A esta universidade, dedico meus sinceros agradecimentos a todos os funcionários que sempre com seu jeito meigo nos tratou muito bem. Sempre preocupado para que tivéssemos de certas formas docentes qualificados para nos ensinar.

A todos os professores que sempre nos incentivaram, nos orientando e demonstrando seu apoio e confiança em toda circunstância. Proporcionando conhecimentos para a minha formação profissional, ensinando com dedicação e satisfação. Em especial aos professores: Luciete, Janiby Silva, Luis Valente, Alessandra Matos, Cássia, Sara, e Rosângela. Que foram essenciais para a minha formação acadêmica.

À minha orientadora Janiby Silva de Oliveira, agradeço pela dedicação e disposição pelo pouco tempo que tivemos juntas para as correções e incentivos para não desistirmos.

À minha mãe Silvéria, pelo amor incondicional, sempre incentivando e demonstrando muito carinho, dedicação e apoio incondicional obtido todos esses anos através dos seus carinhos e incentivos para o meu crescimento educacional. Inúmeras vezes tive que deixar meu filho aos seus cuidados, tenho que só agradecer.

Aos meus irmãos, Eliane, Oziel, Samuel e Elilde, que foram importantes nesta construção de conhecimentos, sempre incentivando e mostrando seu carinho de irmãos cuidadosos.

Ao meu filho Emanuel Lucas que amo tanto, que apesar da minha ausência, de alguma forma entendeu que eu precisava adquirir conhecimentos importantíssimo para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao meu esposo, Jeam Furtado, que me compreendeu desde o princípio, que sempre me incentivou a não desistir diante das dificuldades que sobrevieram nesses quatro anos, me dando muita força, alegria, amor e carinho.

Quero também expressar diante de todos meus agradecimentos mais Sinceros às minhas amigas Cleinaã Medrado, Clenis Bastos, Lourdes Rosário, Ilma de Jesus que de maneira surpreendente construíram uma amizade como nunca pude sentir no meu coração, companheirismo nas lutas do dia a dia, e vitoriosas por natureza nesta Jornada de nossas vidas, e com certeza farão para sempre parte de minha vida.

Agradeço à minha turma de graduação de letras da UFPA, por juntos estarmos concluindo com maestria e perseverança apesar de muitos desistentes, mas nós conseguimos e espero que esta graduação seja apenas o começo para novos horizontes que se abrirão em nossas vidas.

Agradeço à Márcia Correia, pois juntas concluímos esta pesquisa apesar de tantas dificuldades que passamos, pelas vezes que ela teve que viajar de sua residência tão longe para estarmos juntas elaborando nossos trabalhos científicos, por sua compreensão e paciência que teve comigo quando estava triste ou chateada, muito obrigada.

A todos que estiveram de alguma forma, ajudando direta e indiretamente.

AGRADECIMENTOS - Márcia do Socorro Correia Monteiro

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter dado esta oportunidade de poder chegar onde estou hoje.

Ao meu esposo Robson pela incontestável paciência e compreensão durante todas as etapas desse curso, estando sempre ao meu lado e mesmo nos momentos difíceis, acreditou na minha capacidade.

Às minhas filhas que sempre incentivaram acreditando no meu sucesso. Em especial à minha família Adrielle que sempre acreditou na minha capacidade de vencer e conquistar algo tão merecedor para a minha vida profissional.

A uma amiga especial, Francisca das Chagas que desde o começo veio me acompanhando, tirando minhas dúvidas, dando sugestões. E Por ter sido a pessoa chave na elaboração e conclusão deste trabalho.

Às colegas de luta, Francinete Vieira, Lucidalva da Conceição, Jackeline da Silva, Marcilene de Freitas e Eliúde de Freitas que sempre levantavam minha autoestima, dizendo que eu era capaz.

Ao meu coordenador Osvaldo que, durante a elaboração deste trabalho, me apoiou, dando-me força e compreendendo minhas faltas na escola na qual trabalho.

A todos os professores, em especial a Alessandra Martins, Janiby Silva, Jailma Bulhões, Luís Valente, Carlos Amorim, Sara e Cássia Mendes.

A orientadora professora Janiby Silva de Oliveira, cuja indiscutível competência abriu-me caminhos, permitindo reorganizar os rumos desta pesquisa, incentivando o surgimento de um caráter pesquisador.

Dedico a todos os funcionários do Polo Universitário de Tailândia que sempre com muito carinho e dedicação nos trataram muito bem, em especial a Gorette Biancard e Sandra Regina que foram pessoas muito importante para minha formação.

Agradeço com muito carinho e dedicação à minha colega, companheira Elisama Furtado, pela paciência que teve comigo durante esse processo de elaboração dessa pesquisa, que realizamos com muitas dificuldades, mas com ajuda de Deus conseguimos chegar no término desse trabalho, muito obrigada por tudo.

Aos funcionários da instituição que ministrou aula que sempre foram companheiros e amigos. Em especial á Professora Janaira Daniela que sempre me ajudou e apoiava nos momentos que mais precisava.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem a finalidade de investigar as práticas de leitura no âmbito escolar, para que seja feita uma reflexão sobre a importância da leitura e as formas como tais práticas são aplicadas em sala de aula. Assim como, procurar descobrir se os alunos têm o senso crítico, e se sentem inseridos no processo de leitura escolar e social. Para obtermos esses objetivos analisaremos duas escolas: uma da Cidade e outra do Campo, na série do 6º ano do Ensino Fundamental. Serão apresentadas as seguintes questões: Será que as práticas de Leitura estão sendo capazes de promover a inserção dos educandos na cultura dos leitores? Afinal, o que de fato está sendo ensinado quanto à leitura, no 6º ano do Ensino Fundamental? A pesquisa usou a observação em sala de aula e entrevistas com os professores da determinada série. A série foi acompanhada no período de alguns meses, nas aulas de Língua Portuguesa, vivenciando a realidade e dificuldades apresentadas em sala de aula. Contudo, entende-se que o processo de leitura é fundamental para o sujeito, pois à medida que ele começa de fato ler, ele ampliará seus conhecimentos e aprende interpretar texto nas suas diferentes manifestações, apresentando ferramentas sob uma perspectiva pedagógica formando cidadãos críticos e comprometidos com a sociedade em que vive.

Palavras-Chave: Letramento. Leitura. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This research has a purpose of investigate thepractices in reading school setting so that a reflection of the importance of reading and the ways it made such pratices are implemented in the classroom. As well as seeking to discover if students have the critical sense, and feel entering them in the process of social and academic reading. To obtain these objectives we analyze two schools: A country and urban another, both in the 6th grade of elementary school. The followings issues will be presented: Does the practice of readings being able to promote the inclusion of students in the culture of the readers? After all what is actually being taught as reading at the 6th grade of elementary school? The research used in observation in the classroom and interviews with teachers of a particular grade a series was following in Portuguese Languages classes, living the reality and difficulties presentedin the classroom in elementary school.However it is understood that theReading process is very important to subject, because as he will start reading, it will expand your knowledge and learn how to interpret texts in its different wasy, presenting tools in a pedagogical perspective forming critical citiens engaged to society in which he lives.

Key-Words: Literacy; Reading; Teaching practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA ATUAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO	13
2 A RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO COTIDIANO ESCOLAR	19
2.1 COMO SE DÁ O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA.	19
2.2 RELAÇÃO ENTRE O APRENDIZADO DA LEITURA E AS FASES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO.	22
3 O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS ESCOLAS OBSERVADAS.	39
3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	40
3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS.	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema **“Prática da leitura na turma do 6º ano do Ensino Fundamental”** realizada em duas escolas da Cidade e do Campo, respectivamente, no município de Tailândia - Pará.

Falamos sobre esse tema nos fez lembrar da nossa infância, quanto foi surpreendente quando fizemos as primeiras leituras das nossas vidas, descobrimos algo novo, extraordinário, nos sentimos entusiasmados pelas grandes descobertas que vinham surgindo na nossa trajetória, vale ressaltar que as práticas de leituras foram feitas mais nas escolas do que nas nossas casas, nossos professores de Língua Portuguesa sempre incentivaram essa prática, elaborando aulas de leitura na biblioteca, fazendo com que levássemos livros para ler em casa e nos mostrando a importância das literaturas brasileiras.

Sabemos que a abordagem desse tema é essencial para o indivíduo, mas existe um grau de complexidade no que se refere à aprendizagem, pois, envolvem aspectos cognitivos, emocionais, psicossociais e culturais, ou seja, a leitura a cada dia ganha força em seus diversos segmentos por um processo ativo de construção que dá significação aos textos. Esse processo é fundamental para o nosso desenvolvimento perante a sociedade na qual vivenciamos, ou seja, é uma ferramenta indispensável para o homem, o qual tem a oportunidade de mostrar no seu convívio social que é uma pessoa letrada, um intelectual respeitável e que sabe realmente se inserir perante a sociedade com dignidade e sabedoria, mostrando a todos que é uma pessoa bem informada e capaz de saber seus direitos e deveres a fim de exercer a sua cidadania.

Para executarmos e compreendermos a cientificidade do estudo e as análises dos dados que foram coletados, fundamentamos em alguns autores: Ângela Kleimam (2008), Sozângela Schemin da Matta (2009), Paulo Freire (1989.), Paulo Freire (2005.), Saussure (2004), Magda Soares (2002), Maria Lúcia de Castro Gomes, (2009), Ingo Voese (2004), E. T. da Silva, (2003). Ana Mercês Bahia Bock (2002), Iris Barbosa Goulart (2010) Vygotsky (1998), Rego (2001) PCNs (1997/2001) Sampaio (1998) e Wallon (1995), Zilberman (1995).

Matta (2009) ao citar Gagliari (2004) nos apresenta a seguinte afirmação deste:

É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos devem estar voltado para a leitura. Se o aluno não se sai muito bem em outras atividades, mais for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. (CAGLIARI, 2004,p.148, apud MATTA,2009, p 77)

Partindo dessa ideia, Matta mostra a importância da leitura na escola como essencial para o desenvolvimento do educando tanto na sua vida escolar como no seu contexto sócio cultural, portanto o educando poderá desenvolver a sua consciência crítica da realidade no qual está inserido.

Para obtermos conhecimentos sobre as Práticas de Leitura em sala de aula, a pesquisa ressaltará a maneira que essa prática está sendo desenvolvida e que mecanismos são usados pelos docentes que ministram aula de Língua Portuguesa, e a forma que os discentes exercem e praticam a leitura. A pesquisa será realizada em duas escolas sendo uma da Cidade e a outra do Campo, e tem como objetivo analisar a eficácia das Práticas de Leitura trabalhadas pelos professores do 6º ano Ensino Fundamental, ambas estão localizadas no município de Tailândia.

Será feita a observação com os educandos sobre a leitura e que práticas metodológicas estão sendo usadas pelos docentes das escolas em pesquisa. Dessa forma, distribuímos o trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo enfatizará “A importância da leitura para atuação do homem no mundo”. Uma abordagem fundamentalmente teórica nas quais serão postas as ideias de alguns autores sobre a importância da leitura.

O segundo capítulo, destacará “A relação entre o processo de aquisição da Leitura e as fases do desenvolvimento humano no cotidiano escolar” destacando a leitura como um caminho de construção para que o indivíduo desenvolva sua cidadania.

E, finalizando, o terceiro capítulo que mostra o desenvolvimento da leitura no 6º ano das escolas assim observadas. Nesta pesquisa será salientado as metodologias utilizadas nessas instituições para desenvolver a eficácia da leitura e a forma como os discentes estão recebendo esse ensino. E, partindo dessa premissa, será realizado a observação em sala de aula com os discentes e docentes com a finalidade de obtermos informações relevantes sobre o desenvolvimento da Prática de leitura.

1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA ATUAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO

Por muito tempo, o estudo e o ensino da linguagem se mantiveram nos limites da sentença, constituindo essa base de qualquer pesquisa linguística ou conhecimento teórico para o ensino aprendizagem da língua. As ideias que sustentavam essa visão estruturalista começaram a sofrer várias críticas, começou a se desenvolver a linguística textual, fortalecendo os estudos voltados para os fenômenos que ultrapassam os limites da frase, como o texto e o discurso, e interessados menos nos produtos e mais nos processos. Desde o seu nascimento na Europa, no final dos anos de 1960, a linguística textual passou por algumas fases que definiram o foco de estudo, iniciando por uma fase bem estrutural, que estudava o texto centrado na análise das relações entre os enunciados que compõem o texto.

Já na segunda fase, o texto é visto como uma unidade mais abrangente, ou seja, uma sequência de enunciados, afinal, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]” (BAKHTIN, apud MATTA, 1992, p. 279). A língua é um sistema que tem como centro a interação verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos e que se estrutura no uso e para o uso, sempre contextualizado. Isso significa que esse sistema depende da interlocução.

Partindo desse entendimento, uma proposta de ensino deve valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar. Não só nas atividades de leitura propriamente dita, mas nas atividades orais, já que a fala das pessoas letradas é muito marcada pela linguagem que se escreve.

Tratar das diferenças ou semelhanças entre fala e escrita fica impossível se considerarmos apenas a questão do código, como defende Chomsky. Para este, “A linguagem, específica da espécie, é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente do ser humano. É uma dotação genética, e não um conjunto de comportamentos verbais” (CHOMSKY, apud GOMES, 2009, p.24). Outra vertente aponta para a necessidade de levarmos em conta a distribuição dos usos da linguagem na vida cotidiana, já que são as formas que se adaptam aos usos e não o contrário.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que o profissional que trabalha com a linguagem considere o sujeito como um ser que produz, e não por dimensões puramente biológicas, mas,

[...] motivado por intenções e interesses pessoais que nem sempre são explícitos, mas subentendidos, cuja compreensão, porém, depende não só do que diz o enunciante, mas também, das regras que orientam os atos da fala. (VOESE. 2004, p. 72).

Dessa forma, o profissional que trabalha com a língua materna estará respeitando os aspectos sobre as expressões trazidas pelos alunos desenvolvendo a competência comunicativa e, conseqüentemente, contribuindo com a formação de sujeitos solidários, amorosos, críticos e comprometidos com o gênero humano, motivos pelos quais este trabalho torna-se importante.

Todo o indivíduo, desde que nasce, depara-se imediatamente com a leitura de mundo e familiar; o contato é imediato com a mãe e os familiares mais próximos. E, à medida que ocorre o processo de conhecimento desse indivíduo, o mesmo desenvolve experiências importantes para o seu convívio social, cotidiano e escolar nas quais são estimuladas e desafiadas a desenvolverem seus conhecimentos obtidos.

No entanto, muitas pessoas, mesmo não sendo alfabetizadas, envolvem-se em práticas sociais de leitura, quando solicitam que alguém leia para elas o nome de uma rua, a bula de um remédio, uma receita culinária etc. Podemos dizer que essas pessoas, mesmo analfabetas, já apresentam graus de letramento, pois de uma forma ou de outra já fazem uso da leitura no seu cotidiano. Portanto, a noção de letramento surge devido à necessidade de se explicar algo que vai além da alfabetização, ou seja, do domínio da tecnologia da leitura. Segundo Silva.

Nunca é demais lembrar que a prática da Leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2003, p 24)

O autor nos mostra a importância que o ser humano tem quando descobre a prática de leitura, libertando-se da ignorância que o cercava, vivenciando assim algo novo, prazeroso, adquirindo conhecimentos que não esperava obter algum dia.

Soares (2002, p. 145) apresenta o letramento como estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e participam competentemente de eventos de letramento. A autora identifica duas dimensões de letramento: a individual e a social. A dimensão individual de letramento, que envolve especificamente a competência de

ler e compreender o que está lendo, requer um conjunto de habilidades: motoras, cognitivas e meta cognitivas.

Partindo desse ponto de vista, a dimensão social do letramento apresenta-se como uma prática social, ou seja, em um determinado contexto, as pessoas demonstram familiaridade com algumas práticas de leitura, ou seja, a compreensão e valorização das funções sociais da leitura é uma aprendizagem ligada aos planos de conceito, procedimentos e atitude, que pode ter início desde os primeiros momentos da chegada do educando na escola e deve continuar até o final de sua formação estudantil. Soares ressalta ainda que ler e escrever são processos diversos, embora complementares, que requerem habilidades diferenciadas. No entanto, compreende-se que são processos que devem ocorrer simultaneamente, “uma vez que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e aprender a ler e a escrever é também compreender o mundo no seu contexto, vinculando linguagem e realidade” (Freire, 1989, p. 11).

Para estar de acordo com essa concepção, é importante que o trabalho em sala de aula se organize em torno do uso da prática de leitura e que privilegie a reflexão dos alunos sobre as diferentes possibilidades de emprego da língua. Isso implica, certamente, na rejeição de uma tradição de ensino apenas transmissiva, isto é, preocupada em oferecer ao aluno conceitos e regras prontas, que ele só tem que memorizar, e de uma perspectiva de aprendizagem centrada em automatismos e reproduções mecânicas. Podemos compreender que:

Um texto não pode ser lido e trabalhado em sala de aula como um fim em si mesmo, ou seja, apenas localizando informações contidas no texto, ou para se coletarem elementos para trabalhar a gramática, muitas vezes até sem relevância para o próprio texto. Mas, sim, e principalmente, a atividade textual para ajudar o aluno a elaborar raciocínios, a fazer inferências naquilo que está nas estrelinhas do texto para desvendar elementos implícitos nele, a perceber os efeitos de sentido ocasionado pelo vocabulário e construção sintáticos utilizados. (MATTA, 2009, p 78,79)

Muitos linguistas estão preocupados com o ensino da leitura no âmbito escolar, principalmente, nas aulas de Língua Portuguesa. Dentre as discussões, pode-se observar algumas questões preocupantes, como: Será que as práticas de Leitura estão sendo capazes de promover a inserção dos educandos na cultura da leitura? Sabe-se que as leituras sempre ocorrem em contextos específicos, em situações complexas, em dimensões interativas, históricas, políticas e ideológicas.

Este é um processo que requer um cuidado especial, pois os educandos usam a leitura como forma de decodificação, ou seja, muitas vezes nos questionamos por que existem indivíduos que não sabem ler, e muitos que são considerados “leitores” não conseguem entender o que estão lendo. Nos deparamos com essa realidade, que tem sido de grande preocupação para os educadores, que tentam apropriar-se dos saberes científicos para tentar entender o ser humano, visto que:

Outra prática muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensadas, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno (KLEIMAN, 2008, p 20)

A autora enfatiza a importância de levarmos os alunos realmente a refletir sobre o que está sendo lido, principalmente, nos livros didáticos, sendo que a maioria deles estão prontos e acabados não levando o aluno a uma reflexão, por isso, muitas vezes, só é decodificação.

Atualmente, trabalhar com Língua Portuguesa significa somar o saber linguístico que caracteriza cada falante, com a intenção de levá-lo a dominar o padrão culto idealizado. Contudo, a leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias. Esse processo de leitura, tendo o apoio da família e da escola, desenvolverá um trabalho eficiente, em que o educando terá encorajamento e incentivo de ambos na construção de seus conhecimentos.

A escola precisa aproveitar a vivência de mundo do educando para obter significado e interação, para que a leitura possa ser algo prazeroso, instigante, emocionante e que venha desenvolver as habilidades que o educando já possui na sua vivência de mundo. Precisamos formar cidadãos críticos e reflexivos para desempenhar um trabalho crítico de transformações sociais, econômicas e políticas na sociedade. Pois, segundo Freire:

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora significa reconhecer-nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escola do primeiro grau ou se de membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. (FREIRE, 2005, p. 37).

Desenvolvendo essas habilidades de reflexão, o educando vai muito além do que ele imagina, será um educando convicto, crítico e consciente do seu papel na sociedade.

Segundo Saussure (2004, p. 224) “o que primeiro surpreende no estudo das línguas é a sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam”. Percebe-se o grande interesse de apresentar aos discentes e docentes as teorias linguísticas, pois nos últimos anos vem sendo modificadas para uma análise de antropologia, psicanálise e outras disciplinas nas quais vem buscando conceitos básicos. Com base nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN da Língua Portuguesa ressalta a importância dos alunos terem a possibilidade de conhecer a importância da discussão de diferentes sentidos que são atribuídos aos textos, pois só assim o educando pode analisar e refletir sobre a língua tendo um conhecimento mais amplo.

Assim, segundo os PCN:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos os acessos aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direitos inalienáveis de todos. (PCN, 1997, p. 23).

Os PCN surgiram para nos dar um embasamento ou um ponto de partida para trabalharmos com um ensino produtivo, enfatizando a interação de participantes em um contexto ativo construído no âmbito escolar.

Afinal, o que de fato está sendo ensinado quanto à leitura, no 6º ano do Ensino Fundamental? O processo está condicionando ao aluno ao efetivo uso da leitura em suas práticas sociais?

As atividades de leitura são fundamentais para que os alunos possam compreender e envolver-se na organização da língua, socialmente relevante, como ressalta os PCN:

Qualquer leitor experiente que consegue analisar a sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (PCN,2001,p.53)

Portanto, é importante que haja o desenvolvimento da leitura de fato para os educandos, quando se refere à leitura, sendo aprendizes e formadores de opinião, em todo ambiente social, cultural e familiar. Precisam compreender que é necessário hábitos de leitura para sanar algumas dificuldades de interpretação e ao mesmo tempo, ampliam seus conhecimentos sobre o processo ensino-aprendizagem.

2 A RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO COTIDIANO ESCOLAR

Não se formam bons leitores se os mesmos não têm um contato íntimo com os textos, poesias, prosas, contos e outros tipos de gêneros. As atividades de leitura e de interpretação consistem, em conteúdo que despertem no aluno uma aprendizagem da língua oral e escrita. Partindo dessa premissa, o bom uso da leitura faz dos nossos educandos pessoas capazes de se comunicar e expressar suas ideias de forma mais simples, porém coerentes tornando-se, assim, agente ativo da sociedade.

Um dos princípios que nos direciona à afirmativa acima é que todos devem ser estimulados a desenvolverem suas competências mediante a aquisição da leitura e da escrita, dentro do seu processo gradual de ensino. Isso denomina-se “fases ou estágios”. Os estágios ou fases é um processo longo e gradual que o ser humano obtém no decorrer da sua vida, desde do seu nascimento até a morte.

2.1 COMO SE DÁ O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA

A aprendizagem é um processo que vai se desenvolvendo ao longo da vida do ser humano. Cada pessoa tem uma maneira própria de aprender e construir seu conhecimento. Diante disso, podemos dizer que é de fundamental importância que o educador esteja constantemente verificando se a sua prática de ensino está sendo adaptada à realidade do educando. No entanto, em muitos casos, pode-se afirmar que essas práticas se distanciam de forma significativa da vivência do educando causando, assim, sérios problemas de aprendizagem dentro da sala de aula.

De acordo com as práticas desenvolvidas, o professor pode fazer uma verificação de aprendizagem de acordo com o ritmo apresentado por cada criança. Dessa forma, constata-se que uns adquirem com maior rapidez a leitura e a escrita do que os outros. Por isso, o que mais se observa é que alunos do 4º e 5º ano ou do 6º ao 9º ano não leem nem escrevem com independência, ambos necessitam de auxílio de leitura para chegar a um entendimento.

De acordo com os PCN (1997), até o 3º ano do Ensino Fundamental, é comum a ocorrência de troca ou a omissão de letras, pois nessas séries o aluno ainda está desenvolvendo a escrita. Porém, a partir do 4º ano,

Espera-se que o aluno já tenha aprendido a escrever alfabeticamente e já realize atividades de leitura e de escrita com maior independência. Ter esse conhecimento construído possibilita que sua atenção se concentre mais em outras questões, (PCN, l.p, 1997, p. 125)

Uma grande maioria dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente do 6º ao 9º ano, apresenta grande dificuldade no ato da leitura, da interpretação e da escrita, contudo, não é o que se esperava para essa faixa etária. Essas dificuldades trazem consequências também para as outras áreas de ensino.

Alguns alunos demonstram maiores dificuldades na leitura, outros só na escrita, mas a maioria apresenta os dois casos, ou seja, nem lê nem escreve de acordo com as regras. Diante disso, o professor deve buscar suportes que possam auxiliar esses alunos no desenvolvimento de suas habilidades. Para tanto, o educador precisa estar sempre pesquisando, em busca de novas estratégias que possam obter resultados melhores na vida escolar desse educando. Ao contrário, ele vai encontrar diversas dificuldades para orientar os educandos em sala de aula.

Essas dificuldades de leitura e escrita vêm da base da educação. O que se leva a tal afirmativa é vários fatores como: pais não leitores, escolas sem projetos de leitura, acervo voltado para literatura infantil e a falta de formação dos professores para desenvolvimento do hábito da leitura nos educandos.

Outro ponto relevante é o processo de alfabetização que muitas vezes é mal executado e deixa muitas lacunas na aprendizagem dos educandos, fazendo assim, com que eles tenham dificuldade em tudo que vão fazer. Assim, conforme afirma Sampaio (1998, p. 105) “segue com lacunas que se tornam dificuldades para a aquisição dos conteúdos seguintes, o que gera novas lacunas e dificuldades, resultando em uma ou mais reprovações no percurso de sua vida escolar”.

Observou-se que no âmbito da linguagem oral e escrita é que existem maiores lacunas deixadas pelo uso do método de alfabetização inadequado. Isso faz com que alguns avancem e outros regridam nos estudos, gerando outro problema: a defasagem entre série e idade. Esse fator está presente em todas as salas de aula.

Para que isso não venha a ocorrer, é necessário usar diversas estratégias para se trabalhar a leitura e a escrita com os alunos, porém a maioria dos profissionais da educação, desconhece esses processos pelos quais as crianças aprendem. A interação grupal em sala de aula, por exemplo, é um excelente meio pedagógico, pois possibilita um grande desenvolvimento no aluno tanto cognitivo como social e afetivo. Diante dessa perspectiva, os PCN (1997, p. 123) afirmam “A integração

grupal é, em toda a escolaridade, um importante recurso pedagógico: trabalhar verdadeiramente em colaboração possibilita maior produtividade de aprendizagem. [...]”.

Nas situações de interação com os outros alunos e com o (a) professor (a), a criança aprende a produzir com mais facilidade. Assim, ao precisar escrever uma palavra, frase ou bilhete que não consegue sozinha pode pedir ajuda à aquele que já sabe, e assim, ambos vão aprendendo, pois essa troca de experiência possibilita a construção do conhecimento. Neste momento, se surgir dificuldades que ambos não consigam resolver, então, entra a intervenção do professor.

Atualmente, o que mais se observa em sala de aula é o grande desinteresse pela leitura, os professores não veem ou não encontram caminhos que façam com que os alunos despertem o prazer pela leitura.

Entretanto, um dos mecanismos encontrados para solucionar esse problema é a seleção de conteúdos que despertem interesses e curiosidades nos alunos, levando-os a apreciar a leitura como algo essencial para o cotidiano de sua vida.

De acordo com o PCN (1997), os gêneros adequados para trabalhar com a linguagem oral são: contos, fábulas, poemas, adivinhas, piadas, entrevistas, seminários, cartas, bilhetes, cartões, convites, diários, cartazes, músicas, textos teatrais etc. Por meio desses portadores de textos, o aluno tem a possibilidade de falar de sua própria vivência, desbravando oportunidades, passando a ter um interesse bem maior pela leitura e pela escrita e, a partir de então, seus resultados escolares serão mais satisfatórios.

Faz-se necessário entender que a leitura precisa de inovação e atualização na sociedade, ou seja, uma sociedade sem perspectiva de educação se torna fechada para as práticas inovadoras que vêm surgindo ao nosso redor, nos inibindo muitas vezes com intervenções do processo de leitura.

A leitura não é um ato puramente individual, é uma prática social, e assim sendo, não ocorre apenas no instante da leitura propriamente dita. É nosso dever desvendar toda a leitura que o livro nos possibilita, ter acesso a todas as informações contidas nele, ou seja, desenvolver a oralidade que é de grande importância na construção de textos coesos e coerentes, e levam o aluno a desenvolver raciocínios abstratos, se manifestando de modo formal e informal, levando-o assim a ter conhecimento variado.

Precisamos compreender que o texto é um mecanismo, na formação do educando a partir dos sentidos a eles atribuídos. Contudo, sabemos que cada leitor interpreta de maneira diferente de acordo com o que tem armazenado em suas mentes. O texto servirá para uma reflexão propício para aquela leitura feita expondo assim seus pensamentos e suas ideias referente o que foi lido.

2.2 RELAÇÃO ENTRE O APRENDIZADO DA LEITURA E AS FASE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Piaget, Vygotsky e Wallon, contribuíram bastante para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, sempre preocupados e tentando buscar conhecimentos para compreender o ser humano. Tentaremos expor algumas ideias de grande relevância para obtermos melhor esclarecimento sobre os três autores mencionados, apesar de existirem algumas diferenças entres eles, ambos tinham pontos de vista semelhantes em alguns aspectos.

Piaget defendia que a interação entre indivíduo é estabelecida por meio de dois processos: organização interna das experiências e adaptação ao meio. Piaget não destacou os valores sociais e culturais no processo de desenvolvimento da inteligência, como Vygotsky presumiu na sua teoria. Vygotsky analisou enfaticamente a psicologia. O seu principal processo foi dar importância ao desenvolvimento evolutivo do ser humano, histórico social e a formação do comportamento, sobre o período de imaturidade e dependência do ser humano. Wallon dedicou grande parte de sua vida obtendo conhecimento sobre a infância e os caminhos da inteligência nas crianças

Piaget foi formado em biologia, e dedicou-se exclusivamente aos estudos do conhecimento humano para ter discernimento sobre o comportamento do indivíduo perante a sociedade, ou seja, observando a construção da realidade da criança no processo de formação dos conceitos de tempo e espaço de conhecimento obtido.

Piaget tornou-se um estudioso do desenvolvimento cognitivo humano, trazendo uma contribuição valiosa para a Psicologia Genética, ramo da Psicologia que estuda o psiquismo humano a partir de sua gênese. (GOULART, 2010, p.14)

Pode-se inferir que, a partir desta concepção, qualquer ser vivo tem possibilidade de se adequar geneticamente ao meio em que vive. Goulart ressalta ainda que Piaget chegou a concluir que cada criança no processo de conhecimento

e construção cria seu próprio modelo de mundo, ou seja, pelas ações, quando o sujeito transforma e compreende o que é real e adquire conhecimento sobre aquele objeto.

Compreende-se que a construção dessas competências só ocorre nas trocas com os objetos, ou seja, a criança acompanha com os olhos os objetos que estão ao seu redor, e com esse olhar ela explora tudo que está em sua volta, levantando a cabeça, tentando agarrar os objetos, cheirar e levar à boca, soltar e empurrar. E o resultado dessa ação acontece através da organização do organismo que distingue entre sensações e estímulos, escolhendo uma organização que favorece uma boa estrutura.

De acordo com a autora, para Piaget o ser humano sempre passa por adaptação que é composto por dois mecanismos opostos, mas integrantes, ou seja, uma relação indissociável, que assegura o desenvolvimento de conhecimento sobre a assimilação e a acomodação desenvolvendo a sua inteligência.

A assimilação é a incorporação de um novo objeto ou ideia ao que já é conhecido, ou seja, ao esquema que a criança já possui. A acomodação, por sua vez, implica na transformação que o organismo sofre para poder lidar com o ambiente. Assim, diante de um objeto novo ou de uma ideia, a criança modifica seus esquemas adquiridos anteriormente, tentando adaptar-se à nova situação. (GOULART, 2010,p.18,19)

A partir destas concepções, entende-se que o sujeito ingressa no processo de evolução constante, assimilando e incorporando, de fato, o processo de ideias, pessoas e costumes, nas quais são inseridas nas atividades do sujeito. A criança adquire o conhecimento da língua e apropria-se de tudo o que escuta, modificando seu conhecimento. Entende-se que acomodação é a modificação que possui traços fundamentais para assimilar os princípios novos, ou seja, a criança que escuta, começa pronunciar sons sem significados, balbuciando e tentando responder à conversa que está ao seu redor, e, de modo gradual, os sons emitidos vão incomodando aqueles que ouvem, passando a falar de forma fácil e acessível.

Entende-se que essa adaptação ocorrerá no seu ambiente, no meio em que convive; o sujeito deverá harmonizar uma descoberta, uma ação com outras ações. Tudo serve de fundamento ou de apoio para obter o processo de permanência do equilíbrio que está na assimilação e na acomodação. Pode se dizer, ainda, que promove os pensamentos que adquire reversão, ou seja, não é algo duradouro, porque novas necessidades vêm surgindo, reajustando a estruturação que já estava

formada no indivíduo, por isso que é um processo ativo de influência das ideias persistentes sobre comportamento do indivíduo que o leva a auto regulação.

Segundo a autora, Piaget define a criança por fases de desenvolvimento psicológico adquirindo pensamento e linguagem, tanto no individual como social. Para ele, o falante passa por pensamento com personalidade forte, fala egocêntrica para atingir o pensamento lógico, tendo comportamentos que demonstram particularidades, ou seja, procedendo de uma forma mais egoísta, criando um elo de junção das operações lógicas da criança. A criança vê o mundo a partir da perspectiva pessoal, adquirindo tudo para si, querendo ser exclusiva no seu ponto de vista, com a finalidade de estarem centradas no pensamento e na linguagem.

Para a autora, Piaget ressalta que o desenvolvimento mental dá-se de maneira espontânea a partir de suas competências e habilidades. Entende-se que o desenvolvimento mental não atua com presteza, é bastante lento, que ocorre por meio de graduações consecutivas por meio de estágios que se desenvolve em período da inteligência sensório-motora; período da inteligência pré-operatória; período da inteligência operatória - concreta; e período da inteligência operatório-formal. Esses estágios deram suporte para Piaget aplicar suas teorias.

Baseada na teoria de Piaget, Goulart (2010), afirma que o ser humano possui quatro fases de desenvolvimento cognitivo:

O período sensório - motor (zero – 2 anos), fase em que a criança começa a adquirir os primeiros movimentos, a sentir e perceber tudo que está ao seu redor. Até meado dessa fase, a criança não é capaz de diferenciar o eu do outro e finalizando a mesma. Ela já sabe diferenciar o que é bom do que é ruim para si. Conforme Goulart (2010, p. 36) “À medida que o universo da criança é estruturado segundo uma organização espaço temporal e que objeto permanente se constitui, a causalidade se objetiva e especializa. ” Entende-se que a criança já observa e pensa para poder solucionar um determinado problema.

O período pré-operatório (2 – 7/8 anos), que é chamado também de período simbólico, é uma fase em que o faz-de-conta está bem presente. Por meio de brincadeiras, ela representa algo vivenciado no seu cotidiano. Ela dá vida a todos os seres, inclusive aos que não a tem.

Entende-se que o pensamento de uma criança pré-operatória é estático, irreversível, ou seja, mostrarmos a ela dois copos de tamanho e forma iguais, com a mesma quantidade de água e, na sua presença, substituímos um dos copos por

outro diferente, ela não vai perceber que a mudança ocorreu apenas no tamanho ou na forma do copo e não na quantidade da água. Logo, ela vai dizer que o líquido do copo diminuiu ou aumentou. Nesta fase, a criança é muito egocêntrica. Segundo Goulart (2010, p. 56) "O egocentrismo é uma disposição afetivo-intelectual que se apresenta sempre que uma alteração da realidade social do sujeito não é acompanhada da capacidade de representar tal realidade". Isto é, a criança quer tudo para si e nada que venha dos outros é certo. Apenas sua opinião é tida como a verdadeira.

O período operatório concreto (7/8 – 11/12 anos), é um período em que a criança é menos egocêntrica, mais tolerante e seu pensamento já é bem reversível e conservador. Segundo Goulart (2010, p. 86) "O estágio das operações concretas constitui, pois, uma fase de transição entre a ação e as estruturas lógicas mais gerais que implicam uma combinatória e que irão emergir na adolescência." Ou seja, já tem a capacidade de observar e perceber que o fato de um conteúdo mudar de recipiente não significa que também mudou de quantidade, porém seu pensamento é preso ao real, ao concreto, isto é, precisa ver ou manusear o objeto a ser estudado para poder resolver determinadas atividades.

Compreende-se que é neste estágio que a criança já consegue efetuar operações corretamente, ela terá o contato com a realidade, por isso se torna uma pessoa com pensamento descritivo e intuitivo, ou seja, não tem dificuldade de distinguir o mundo real da fantasia. É nessa fase que gradualmente a criança desenvolve sua capacidade e se coloca no ponto de vista de outro, descentrando o seu convívio social e cognitivo.

É a partir do período operatório que a criança se torna capaz de construir, no plano da representação, o que já havia construído no plano da ação. Deste modo, a criança passa de um estado inicial em que tudo está centrado no corpo e na ação próprios do sujeito a um estado de descentração que implica em relações objetivas com os acontecimentos, objetos e pessoas. (GOULART, 2010, p, 63)

Entende-se que a criança, nesta fase, deixa de falar consigo mesma e passa a dialogar. E o seu pensamento é mais estruturado com o desenvolvimento da linguagem, mostrando que sua capacidade está mais concentrada, levando-a ao interesse de realizar determinada tarefa que lhe é imposta. Pois os pensamentos e o raciocínio obtêm mais consistência formando cidadãos com estabilidade que a criança não tinha antes.

Para Piaget, Goulart ressalta que é nessa fase que surgem a reversibilidade, a transitividade e as conservações. Entende-se que as crianças têm as capacidades mentais de alterar ou inverter a regra das operações de modo a por em prática etapas em uma ordem inversa, regressando ao ponto de partida, ou seja, é um processo de ações simultâneas, mostrando e agindo a sua inteligência operacional que ocorre em todas as direções, nivelando seus pensamentos, estabelecendo normas com relações de fato e efeito, de meio e fim.

Embora as estruturas cognitivas não expliquem as afetivas nem a afetividade explique a cognição, uma não pode funcionar sem a outra. Piaget toma o termo social em dois sentidos: o primeiro se refere às relações da criança com o adulto, enquanto fonte de transmissões educativas e linguísticas das contribuições culturais, do ponto de vista cognitivo e fonte de sentimentos específicos e particularmente do sentimento moral, do ponto de vista afetivo. Em segundo lugar, se refere às relações das crianças com outras crianças e das relações de crianças com adultos no sentimento de socialização. (GOULART, 2010, p 79)

Partido deste entendimento, a criança nessa fase tornar-se cooperadora com os outros, faz trabalho em grupo, e tem autonomia. Vem surgindo sentimentos novos e morais, mostrando respeito mútuo, age de acordo com os princípios morais, ou seja, é honesto e bastante solidário. E é nessa fase que o professor deve estar atento para sondar o nível de aprendizagem do educando, observando o processo de aprendizagem do pensamento do aprendiz para planejar o ensino de qualidade.

No início dessa fase; a criança aprecia muito as opiniões e pontos de vistas dos adultos. No entanto, ao final dessa fase, passa a atacar de frente as opiniões dos adultos, construindo, assim, o próprio conhecimento, tornando o nível de pensamento formal, idêntica nas reflexões absorvidas pelas fases que já passou e a qual está vivenciando.

Conforme tudo o que já foi exposto, a linguagem é um Instrumento na construção do indivíduo, ou seja, é a transformação de ideias e do raciocínio que se complementa gradualmente, e a criança consegue a partir de um esforço contínuo, de acordo com a elaboração interna das estruturas mentais, conforme o grau de elevação do cérebro, ou seja, a cada fase que ela chegar.

O período operatório formal/ abstrato ocorre a partir dos 12 anos de idade. Nessa fase do desenvolvimento, o pensamento já é independente do concreto a criança não busca o real para poder realizar suas tarefas. Já é capaz de reproduzir sobre ideias abstratas e raciocinar sobre as regras e normas sistematicamente.

Compreende-se que a criança já tem uma inteligência formal, e, é capaz de formar hipóteses, deduzir algo e, assim, solucionar seus problemas. Conforme Goulart (2010 p.81) o denominado “estágio ou período das operações lógico-formais ou lógico-abstrato”. Entende-se que nessa fase existem notáveis diferenças de pensamentos, pois nesse período que desenvolve a sua própria identidade, e no qual ocorrem os problemas existenciais e dúvidas acerca do que é certo e errado. Desenvolve seus interesses e ideias de pensamento, defendendo seus próprios valores e conceitos naquilo que acredita.

Nesta fase, começa a construir teoria e faz reflexões sobre seu pensamento formal, elabora uma reflexão da inteligência sobre si mesma, um sistema operatório de segunda capacidade na qual opera com proposições. Esse pensamento formal se destaca pelo fato de estabelecer coordenações entre os objetos que se originam de determinadas etapas do desenvolvimento do indivíduo, mostrando a sua qualidade, conclusões lógicas e raciocínio dedutivo.

De acordo com a autora, Piaget ressalta que possui dois desenvolvimentos intelectuais que são o cognitivo e o afetivo.

O aspecto cognitivo das condutas consiste na sua estruturação e o aspecto afetivo na sua energética. Esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre as suas respectivas evoluções. (PIAGET, 1968, apud GOULART, 2010, p. 92, 93)

Compreende-se que os dois se apresentam conjuntamente paralelos e precisa ter cuidado com o aspecto afetivo no desenvolvimento de ensino aprendizagem, ou seja, a dimensão que mostra claramente a dificuldade e o efeito de invadir a consciência do eu e do outro. O mundo em que vivemos está cheio de teorias informais sobre si mesmo e sobre a vida, enfatizando bons planos para o futuro e na sociedade em que está inserido, no entanto, necessitamos nos adequar com a situação imediata, as relações interpessoais atuais e precisamos estar preparados para conviver em sociedade respeitando um ao outro.

Sendo assim, o indivíduo é um ser que encontra no outro os parâmetros e as informações que são necessárias para lhe ajudar a formular, a questionar, a construir e reconstruir o seu próprio espaço. Como o ser humano é resultado das relações que estabelece com o seu meio social, ele acaba sendo influenciado por tudo e todos que estão ao seu redor. Isso significa que o indivíduo desenvolve sua aprendizagem à medida que começa a socializar-se .

Entende-se que tudo entre os sujeitos pode ser diferente: suas atividades do dia-a-dia, como brincadeiras e compromissos; a forma de socializar-se com as pessoas da família, da comunidade e até o processo de aprendizagem pode se dar em tempo e de forma diferente. Assim, o desenvolvimento desse sujeito se dá de acordo com o meio em que está inserido. Isso não significa que um ser com um baixo rendimento econômico terá maior ou menor facilidade para aprender do que os outros, mas que o ser humano, principalmente, na fase de crescimento, aprende por meio das observações, das imitações e das interações sociais. Através dessas, o ser humano vai desenvolvendo-se diferentemente um do outro.

Segundo a autora Book (2002), Vygotsky foi um psicólogo moderno que deu destaque sobre o tema da evolução da capacidade de aquisição de conhecimento pelo ser humano. Teve capacidade de explicar a transformação dos processos psicológicos essenciais em processos complexos dentro da história, enfatizando o papel da linguagem no desenvolvimento do sujeito, no qual o indivíduo adquire conhecimento pela influência recíproca com o meio, mediando com o próximo, ou seja, o indivíduo nasce inserido no ambiente onde vive, seja no social e familiar, e, é nesse meio que são estabelecidas as primeiras relações com a linguagem na influência com os outros.

Para compreendermos melhor, estaremos aprofundando na teoria de Vygotsky, como: relação entre Pensamento e Linguagem e a Zona de desenvolvimento proximal.

Segundo Book, para Vygotsky o Pensamento e a Linguagem são a formação do sujeito e o seu desenvolvimento na sociedade, e é fundamental a socialização do indivíduo com outra pessoa.

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo à nossa volta. (BOOK, 2002, p.11)

Diante disso, é propício afirmar que de acordo com Vygotsky ninguém nasce sabendo ler e escrever, no entanto, à medida que convive em sociedade, adquire essa aprendizagem. Ou seja, o sujeito é um ser social que está em constante desenvolvimento. Ele já nasce trazendo consigo afeto, emoção, inteligência e também a vontade de estar próximo das pessoas. É a partir dessa aproximação que ele passa a observar os outros, tornando-se capaz de interagir e aprender.

Conforme Book (2002, p.13) “ Para Vygotsky a aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social, que ocorre na interação com os adultos e os colegas.” Portanto, essa aprendizagem ocorrerá à medida que o indivíduo começa a se socializar em casa, na igreja, na praça, no campo de futebol, no supermercado, na lanchonete e outros. Entretanto, sabemos que a escola é um lugar importante e privilegiado para estimular o aluno nesse processo de aprendizagem e socialização.

A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas, As funções cognitivas e comunicativa da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais”(VYGOTSKY, 1984, p. 31 apud REGO. 2001, p. 63-64)

Partindo desse ponto de vista, entende-se que a Linguagem é social, o homem nasce com a predisposição para a Linguagem, mas o convívio com o ser humano é que determina o uso da Língua. Ou seja, tem o papel de desempenhar sua função em relação à comunicação, expressando a sua possibilidade de conhecimento, o qual gera função comunicativa, que está totalmente pactuando e harmonizando o pensamento, ou seja, a comunicação admite a interação social e, ao mesmo tempo, constituir-se o pensamento.

Vygotsky nos mostra que, a partir do convívio da criança com as pessoas que estão ao seu redor, ela vai se desenvolvendo gradativamente. Assim afirma REGO, que para Vygotsky:

Desde o nascimento, o bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também medeiam a sua relação com o mundo. Os adultos procuram incorporar as crianças à sua cultura, atribuindo significado às condutas e aos objetos culturais que se formaram ao longo da história. (REGO, 2001, p. 59)

De acordo com a citação acima, podemos perceber que com a ajuda de pessoas mais experientes, as crianças vão assimilando ativamente todas as habilidades que foram construídas pela história social ao longo de séculos. Essa interação é essencial, pois a partir daí, concordando com a ideia de Vygotsky, é que a criança aprende a sentar, a andar, a falar, a comportar-se diante das pessoas. Enfim, aprende os costumes, a cultura da família, do meio em que vive.

Segundo Rego, Vygotsky fez uma abordagem das fases de aquisição da linguagem. A primeira é o estágio pré - intelectual do desenvolvimento da fala; a

segunda, o estágio pré - linguístico do desenvolvimento do pensamento; a terceira, o estágio da linguagem egocêntrica; e a quarta; discurso interior.

No estágio pré - intelectual do desenvolvimento da fala, conforme Rego (2001 p. 64) “Tanto nas crianças como nos adultos, a função primordial da fala é o contato social, a comunicação.” Neste ponto de vista, observa-se que, através do desenvolvimento da fala, o indivíduo é impulsionado pela necessidade de comunicar-se com o próximo, mesmo aquelas crianças que nos primeiros meses de vida já se comunicam com o balbúcio, o riso e o choro. No entanto, esses sons e gestos ou expressão não indicam significados específicos. Eles são bastante difusos, porque às vezes quando o bebê chora pode significar dor de barriga, fome etc. Apesar que ainda não tenha significado específico, a criança tentou se comunicar interagindo no meio social a qual está inserida.

No estágio pré - linguístico do desenvolvimento o pensamento é o estágio que mostra a inteligência da criança pela prática, quando manipula objetos para alcançar seu objetivos. Rego (2001, p. 64) diz que “Antes de aprender a falar a criança demonstra uma inteligência prática que consiste na sua capacidade de agir no ambiente e resolver os problemas práticos.” Entende-se que, a partir da utilização de instrumentos, irá auxiliar naquilo que ela deseja fazer. Como, por exemplo, quando quer pegar objeto que não alcança, ela provavelmente subirá numa cadeira para alcançá-lo ou quando mostra capacidade de utilizar um balde para encher de areia. Nestes exemplos, ela já demonstra inteligência ou pensamento, no entanto, sem a mediação da linguagem.

No estágio da linguagem egocêntrica e o discurso interior, a fala egocêntrica geralmente se manifesta quando a criança transmite cooperação de comportamento na sociedade exercendo funções psíquicas interiores e pessoais. Rego ressalta que para Vygotsky isso ocorre de fato quando a criança domina a linguagem, ou seja, não só decifra e concede significados aos gestos, expressões, posturas e sons como demonstra que está inserida no mundo simbólico de sua cultura.

Na medida em que a criança interage e dialoga com os membros mais maduros de sua cultura, aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação. Nesse momento o pensamento e a linguagem se associam, conseqüentemente o pensamento torna-se e a fala racional. (REGO, 2001, p.65)

Compreende-se que é nessa fase que a criança passa a entender a fala do outro, e ao mesmo tempo, espera regular a fala principalmente dos adultos, no qual

desenvolve mudanças para obter estruturas básicas de seu próprio pensamento, iniciando e exercendo sua influência sobre a fala para si mesma. E essa fala para si mesma é o desenvolvimento progressivo da fala social para a fala interna, ou seja, é um ato de processar várias perguntas e respostas que estão no interior de cada criança, ou seja, quando começa a emitir para si mesmo, em voz baixa, concentrada em seus pensamentos usando um dialeto pessoal.

Através de seus experimentos, pôde observar que este processo, apesar de dinâmico e não linear, passa por estágios que obedecem à seguinte trajetória: a fala evolui de uma fala exterior para uma fala egocêntrica e desta, para uma fala interior. (REGO, 2001, p. 65)

Entende-se que com a fala egocêntrica surge também o discurso interior, ou seja é dirigida ao sujeito e não a uma pessoa externa, mostra que a fala está sendo posta para dentro internalizado pelo próprio sujeito para tornar um instrumento interno. Isso acontece porque várias mudanças ocorrem nesse processo de linguagem, levando a criança a pensar mais e falar menos.

Nesse ponto de vista, a autora, embasada na teoria de Vygotsky, nos informa que, na fase da fala egocêntrica, a criança conquista a linguagem para internalizar, ela não consegue aplicar uma linguagem social. No entanto, é preciso que a criança passe por esse estágio para organizar suas ideias e planejar suas ações com maior êxito. Ou seja, isso acontece quando a criança passa por um problema ou situação difícil que precisa resolver. Segundo Rego (2001, p. 66) “ Ao aprender a usar a linguagem para planejar uma ação futura, a criança consegue ir além das experiências imediatas.”

Entende-se que essas experiências são aquelas que eleva os pensamentos para uma análise mais reflexiva do próprio ser humano, motivando e levando o mesmo a conscientizar-se de que pode abranger toda a complexidade do problema e necessidade dos seus interesses afetivos e emotivos, que contribuirá imensamente na fala e no pensamento. Sendo um processo de ensino e aprendizagem, passando por transformações no indivíduo.

Vygotsky desempenhou na sua teoria a Zona de Desenvolvimento Proximal, elaborado para mostrar que a criança exprime possibilidade, ou seja, ela tem potencial que deve ser aplicado no sistema de ensino. O professor será o mediador favorecendo uma aprendizagem mais eficaz, para que a criança construa suas próprias estruturas psicológicas. E esse desenvolvimento se divide em: desenvolvimento real e desenvolvimento potencial.

Para Vygotsky (1998, p. 93) “ O Nível de desenvolvimento real, é o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram com resultados de certos ciclos de desenvolvimento já completados.” Entende-se que a criança já possui habilidades que já estão adquiridas e conquistadas, ou seja, já estão consolidadas, quando a mesma resolve executar tarefa sozinha, sem ajuda de ninguém.

Vygotsky também trabalhou o desenvolvimento potencial. Esse processo é necessário para a criança solucionar problemas com a ajuda de um adulto, quando não consegue realizar sozinha.

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 112)

Entende-se que, quando a criança se relaciona com um objeto, mas não consegue consolidar, executando sozinha, ela possui uma habilidade parcial, portanto é preciso da ajuda de um adulto ou uma pessoa mais experiente para dar instruções ou demonstração como realizar aquela atividade. Quando a criança obtém essa intervenção obviamente, conseguirá um resultado mais eficaz e posteriormente conseguirá executar as habilidades parciais para as totais.

Para Vygotsky, o indivíduo já cresce num ambiente social, interagindo sua socialização com o outro que é primordial para o seu desenvolvimento. Para compreendermos melhor esse desenvolvimento, Vygotsky faz uma comparação entre as zonas de desenvolvimento bastante interessante.

Zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que amadureçam, mas que estão processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamados de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VYGOTSKY, 1998, p. 113)

Com base nesses conceitos de desenvolvimento, a criança está em processo de amadurecimento, ou seja, proximal, ela quer consolidar, no entanto, precisa de um mediador para auxiliar a executar as atividades propostas e o professor precisa apropriar e interagir com cada nível para estimular as potencialidades que as

crianças já possuem. Através deste nível de desenvolvimento, é possível compreender com mais eficácia o processo de aprendizagem.

Compreende-se que o ensino e aprendizagem é de suma importância e fundamental para o desenvolvimento da criança. E esse processo inclui aquele que ensina e aquele que aprende, ou seja, ambos devem desenvolver essa conexão mostrando as potencialidades que a criança tem e que precisamos ter um olhar diferenciado para aproveitar esse dinamismo.

Para o autor, o desenvolvimento e a aprendizagem não pode ser analisada como uma imitação de reprodução mecânica quando está interagindo com um adulto.

As crianças pode, imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usamos a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas.(VYGOTSKY, 1998, p. 115)

Neste sentido, a imitação para a criança é uma ferramenta para ampliar suas habilidades, contribuindo para reedificação individual observada nos outros. Para o autor, as ações realizadas vão muito além das suas capacidades que contribuirão para o seu desenvolvimento futuro.

Para Vygotsky (1998, p. 115) " A zona desenvolvimento proximal capacitamos a propor uma nova fórmula: a de que o "bom aprendizado" é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento". O aprendizado caminha junto com o desenvolvimento, no entanto, ambos não são paralelos, ou seja, os processos de desenvolvimento não acontecem ao mesmo tempo com os processos de aprendizado. O desenvolvimento aperfeiçoa-se de uma maneira mais vagarosa depois do aprendizado. No entanto, precisa despertar o processo de desenvolvimento na criança, para que a mesma consolide as funções psicológicas no seu interior .

Para o autor, os assuntos trabalhados na escola precisam ter uma relação determinada com o andamento do desenvolvimento da criança. Segundo Vygotsky, (1998, p. 117), "Cada assunto tratado na escola tem a sua própria relação específica com o curso de desenvolvimento da criança, relação essa que varia à medida que a criança vai de um estágio para outro."

Partindo destas análises feitas por Vygotsky, é fundamental o envolvimento da escola para criar um ambiente favorável, para o contato social entre as pessoas envolvidas. Tanto o educando como os educadores, precisam aprender a socializar-

se uns com os outros para consolidarem e construírem algo que ainda não foi integrado para os mesmos.

No âmbito escolar, o professor é o principal mediador das interações entre as crianças e destas com o objeto a ser conhecido. A interação entre as crianças também é relevante, pois favorece o desenvolvimento individual, porém o papel do professor é indispensável por ser ele o mediador, o possibilitado, dessas interações. Na visão desse autor, a aprendizagem se dá quando a criança está no nível de Desenvolvimento Proximal, pois a partir de que realiza tarefas com a ajuda de alguém, ela passa a evoluir, tornando-se capaz de fazer atividades individuais, transformando-as aos poucos em possibilidades reais.

Portanto, para que haja uma produção de conhecimentos por parte dos alunos é necessário a interação social dentro da sala de aula, onde os eles possam dialogar, trocar informações e cooperar uns com os outros. A partir dessa interação social, no qual o aluno já internalizou esses conhecimentos, ele parte para o individual, sendo capaz de agir sozinho. E para que a criança possa dominar esses conhecimentos é fundamental que ela tenha a mediação de outros indivíduos mais experientes.

Henri Wallon, nasceu em 1879 em Paris. Graduou-se em medicina em 1908, dedicando-se ao longo de sua vida ao estudo da Psicologia e da Pedagogia. Morreu em 1965 deixando uma instigante obra sobre a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Sua teoria demonstra que a vida dinâmica da interação do indivíduo com o meio geográfico e humano, em suas vertentes de psicólogo, é a da psicogênese da pessoa, isto é, ele estudava o processo do gênese do psiquismo humano. Dessa forma Wallon em suas teorias, enfatiza que o desenvolvimento humano é a síntese dialética do biológico e do social.

De acordo com Wallon os seres humanos em sua estrutura são organicamente social, e sofrem intervenções da cultura para que possam se atualizar no meio. Contudo neste sentido suas teorias são centradas na psicogênese de uma pessoa completa.

Os estudos foram focados na vivência das crianças em fases iniciais da infância. A intenção era compreender diversos comportamentos que as mesmas apresentam em determinados momentos da sua vida. Para esse estudo, Wallon (1995), teve um olhar atento valorizando aspectos como: afetividade, motricidade e

inteligência. Para ele, o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e pelo grau de apropriação que o sujeito faz dela.

Partindo desse pressuposto pode-se dizer que tanto os aspectos físicos, da linguagem e o conhecimento presente na cultura contribui efetivamente para formar um contexto de desenvolvimento. Para Wallon esse desenvolvimento não é linear, pois a criança vive cada estágio, e seus pensamentos e conhecimentos são transformados simultaneamente entre ela e o meio da qual está inserida.

Para toda essas mudanças Wallon caracteriza esse processo como estágios e que os mesmos acontecem em cinco estágios, são eles:

1° Estágio: impulsivo-emocional (0 a 1 ano), dá-se quando o bebê entra em contato com o mundo exterior, ou seja, meio social. É muito importante ressaltar a expressividade e a gestualidade como ponto de partida para essa integração ao meio, outro ponto relevante é a afetividade, pois criança necessita está em contato com outra pessoa que estimule essa prática.

2° Estágio: sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), a criança deixa de ser algo estimulado e passa a ser estimulador, isto é, ele passa a ter domínio da fala e da motricidade, e a partir dessa apropriação a criança se volta para o mundo exterior e começa a fazer diversas indagações sobre o que vê. No que se refere em processo ensino aprendizagem do lado afetivo em contra partida do professor em oferecer inúmeras situações de diversidades, para que a criança veja o mundo de possibilidades à sua volta. Contudo vale salientar que esse processo é gradual e que jamais se completa por um todo.

3° Estágio: personalismo (3 a 6 anos), nesse estágio a criança constrói sua personalidade, dando então consciência só no seu próprio eu, e seus interesses estão voltados para relação com o outro. Dessa forma pode-se caracterizar essa fase em três momentos: oposição, a sedução e a imitação. A oposição se caracteriza como a fase do não, Já na sedução, a criança quer todas as atenções voltadas para si, e a mesma aprende pela oposição ao outro, e por último é a fase da imitação, o que caracteriza ela é a maneira como a criança vê o outro, ou seja, ele está descontente com suas qualidades e se espelha em outras pessoas para construir suas características.

4° Estágio: O categorial (6 à 11 anos), dentro desse estágio pode-se destacar o momento em que a criança desenvolve suas competências, e o mesmo começa a

fazer diferenciação de forma mais clara entre o eu e o outro, seu pensamento fica mais concreto e coerente. E passa a valorizar mais o mundo exterior, e é nesse momento que a criança está apta a ser inserida no universo escolar, a aprendizagem mantém-se pela descoberta de diferença e semelhança entre objetos, imagens e ideias.

5° Estágio: Puberdade e adolescência (11 anos em diante), é considerada a fase mais excêntrica, pois é o momento de transição do corpo, deixando um desequilíbrio entre ser criança e ser adulto que denomina-se adolescência. Nessa fase o indivíduo passa a fazer uma descoberta de si mesmo, com propósito da busca de sua verdadeira identidade, com isso ocorre a oposição mediante atividades de confronto a tudo que os adultos falam, sendo assim, procurando conhecer e explorar tudo da sua maneira.

Contudo, Wallon em sua teoria faz um jogo de alternância entre a afetividade e a inteligência, pois uma fase se intercala com a outra, porém isso não quer dizer que cada fase só exista um aspecto. Partindo dessa teoria pode-se afirmar que tanto a afetividade quanto a inteligência se constitui um par inseparável na evolução psíquica da criança, pois tenham funções bem definidas e diferencias entre si, são interdependentes em seus desenvolvimento, permitindo à criança atingir o nível de evolução cada vez mais elevados.

Os três teóricos estudados, Piaget, Vygostsky e Wallon, apresentam em suas concepções psicológicas uma dialética que nos permite um grande entendimento sobre a formulação do Construtivismo sócio histórico, isso se dá pelo fato da forma da construção do qual o processo histórico se deu, isso ocorre por vários séculos e nesse período se formalizou diversas correntes de pensamento a respeito do desenvolvimento humano.

Assim, os três autores acima citados usam o interacionismo em suas bases teóricas, e suas pesquisas e chegaram à conclusão de que o desenvolvimento e aprendizagem não são resultados de estímulos externos, ou seja de objetos apresentados no cotidiano e tampouco da razão, que podemos afirmar que seria o sujeito, contudo denomina-se fruto de interação dos dois, pois um complementa o outro.

Dessa forma, o interacionismo adéqua cada ponto em sua parte, sendo assim o sujeito entra em contato com o cognitivo e o objeto é visto como conteúdo da

matéria. A partir dessa junção dos dois é que se produz a construção tanto da mente como do conhecimento.

Contudo pode-se afirmar que Piaget, Vygotsky e Wallon são teóricos interacionistas. Mesmo sabendo que eles seguem a mesma linha de pensamento o que diferem entre eles? Já podemos afirmar que suas diferenças não são núcleo do interacionismo, para eles as diferenças podem está na parte exterior e de forma mais correta. Para exemplificar essa afirmativa podemos usar a formação linguagem, que tanto Piaget e Vygotsky ela é usada para interação e também por internalização. O que se caracteriza em diferente é que para Piaget, a linguagem é reflexo do pensamento de como o espelho reflete a imagem. Contudo para Vygotsky, o pensamento é que é reflexo da linguagem, ou seja, a fala vem antes do pensamento. Isso na verdade é apenas discussões com alternância de ordem, mais voltada para a parte científica.

Contudo, percebe-se que tanto para Piaget como para Vygotsky a aprendizagem era vista de certa forma diferente. Piaget acredita que a aprendizagem é subordinada ao desenvolvimento, ou seja, tem pouco impacto sobre a aprendizagem, obtendo uma redução do desempenho do individuo quanto à interação social. Ao contrário de Vygotsky, que ressalta que o desenvolvimento e aprendizagem são mecanismos que se atuam reciprocamente, ou seja, quanto mais o sujeito obtêm a aprendizagem, maior será o seu desenvolvimento.

Portanto o que se deve ressaltar é a importância que esses teóricos dão ao construtivismo, independente da teoria de cada um. No entanto, enfatizamos que tanto Piaget, com seu aspecto cognitivo, quanto Vygotsky, com aspecto sócio históricos e Wallon com aspectos afetivos e de personalidade, contribuem bastante para a educação, e que ambas se completam.

Como vimos, é de fundamental importância que o (a) educador (a) conheça todas essas fases de desenvolvimento da criança, pois durante esse processo, o organismo cognitivo e afetivo se transforma e a cada etapa haverá uma maneira especial de captar o objeto a ser conhecido. Isso quer dizer que cada ser humano possui seu momento certo de transformação interna. Ou seja, de aprender a ler ou escrever. Hoje, no mundo capitalista em que vivemos, onde a tecnologia está avançando a cada dia, o ensino deve ser facilitador ao processo de desenvolvimento; não um acelerador, nem um entrave. Por isso, deve-se conhecer o processo de desenvolvimento para poder propor situações que o aluno atingirá

níveis gradualmente mais elevados de desenvolvimento, tornando-o capaz de adquirir saberes mais complexo. Portanto, quando o ensino é dado adequadamente organizado, o aluno tem um bom desenvolvimento intelectual, pondo em movimento processos que seriam impossíveis de acontecer. Ou seja, despertando um interesse bem maior pelo aprendizado.

3 O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS ESCOLAS OBSERVADAS

A pesquisa se desenvolveu em duas escolas do município de Tailândia/PA, localizadas na Cidade e no Campo do referido município. Nesse sentido surge a necessidade de conhecer um pouco do município onde essas escolas estão localizadas.

Tailândia esta localizada na mesorregião do Nordeste paraense, precisamente na microrregião do Baixo Tocantins. É um município jovem, com aproximadamente 42 anos de existência e apenas 24 anos de emancipação. Tem uma população estimada em 79.299 habitantes.

A metodologia utilizada, pesquisa bibliográfica, entrevista aberta, observação em campo com abordagem qualitativa.

No âmbito educacional a Secretaria Municipal de Educação -SEMED atende 83 escolas municipais, direcionadas ao ensino infantil e fundamental, tanto nas escolas na área urbana e como na zona rural.

A Escola (01) foi fundada em agosto do ano de 1979, hoje está com 34 anos de existência. Foi a primeira instituição de ensino construída no município de Tailândia – PA. A Escola se encontra autorizada para ministrar aulas no Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) conforme Parecer nº 481/2001 – CEE e a Educação de Jovens e Adultos – EJA (3ª e 4ª Etapas.) conforme Parecer nº 369/2001 – CEE.

Atualmente a escola tem 1.100 alunos matriculados. A escola funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. Obtém uma quantidade de funcionários nos seguintes segmentos : 01 (uma) diretora, 01 (um) vice diretor, 02 (dois) coordenadores, 01 (uma) secretária, 01 (um) Operador de informática, 05(cinco) agentes administrativo, 06 (seis) vigias, 02 (dois) Inspetores, 09 (nove) serventes, 03 (três) merendeira e 48 (quarenta e oito) docentes.

A Escola (02) atua com o Ensino Infantil menor (1 ao 5 ano) e Fundamental maior (6º a 9º anos e o EJA- 3 Etapa – 6º e 7º anos) foi fundada no ano de 1992 e fica localizada na Vila Nossa Senhora de Aparecida no Município de Tailândia/PA.

A referida escola é regida pela Lei de nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e desde o ano de 2006 encontra-se em processo de autorização para o funcionamento das modalidades de ensino oferecidas pela escola.

Atualmente a escola tem uma quantidade de 1.420 alunos, funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. A quantidade de funcionários têm os seguintes segmentos: 01 (uma) diretora, 04 (quatro) coordenadores, 01 (uma) secretária, 05 (cinco) agentes administrativo, 03 (três) vigias, 06 (seis) porteiros, 02 (dois) Inspetores, 10 (dez) serventes, 04 (quatro) merendeiras e 36 (trinta e seis) docentes.

Nas práticas diárias as docentes utilizam diversos meios para motivar a leitura dos alunos, com variados tipos de textos e, principalmente, criam condições para a produção textual dos educandos, e utilizam esses textos como forma de identificar as qualidades e deficiências dos mesmos.

Podemos ressaltar que em ambas as escolas, os docentes contam com o apoio pedagógico no desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura e contam com um espaço na escola destinada aos educandos que apresentam dificuldades acentuadas na leitura e interpretação.

No início do ano letivo são feitas sondagens sobre o nível de leitura e de interpretação dos educandos. Através da oralidade, dos textos produzidos e de sua interação com os diversos textos e mídias utilizadas nas aulas.

No desenvolvimento da pesquisa das duas escolas foram bastante acessíveis nas informações prestadas e a participação das docentes auxiliaram profundamente nos aspectos a serem considerados pela pesquisa.

Ambas, as escolas atendem alunos do 6º ano, e foram aplicadas as entrevistas com as docentes dessas escolas. Há de se observar que nas escolas funcionam 04 (quatro) turmas de 6º ano de Língua Portuguesa, e essas turmas, em cada uma das escolas há um docente para todas essas turmas. As docentes que responderam as entrevistas são formadas em Licenciatura Plena em Letras.

3.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Elaboramos um quadro comparativo com as entrevistas feitas com essas docentes.

1 – Por que escolheu a docência como profissão?	(P1) Primeiramente por falta de opção. No entanto, no momento que tive conhecimento como docente, pude compreender a importância dessa experiência e sua função na construção do processo de ensino.
---	--

	(P2) Por mais difícil que seja ser professor ou professora nos dias atuais, optei porque acredito que a solução para muitos ou todos os problemas esteja na educação e quero fazer a diferença.
2 – Além da graduação em licenciatura tens alguma outra formação?	(P1) Não. (P2) Não.
3 – Pós - graduação, fez, está fazendo ou vai fazer uma especialização ou ainda tem participado de algum curso que venha contribuir em seu trabalho em sala?	(P1) Não, mas pretendo fazer uma especialização no futuro. (P2) Não, mas pretendo fazer uma especialização no futuro.
4 – Quanto tempo de atuação como professora de Língua Portuguesa?	(P1) Três (03) anos (P2) Cinco (05) anos
5 – Para você profissional da educação especificamente de Língua portuguesa qual é a importância de se trabalhar o ensino de português com os gêneros textuais?	(P1) Os gêneros textuais permitem que os alunos conheçam a diversidade cultural e linguística. Ampliando um leque de possibilidades e obtendo conhecimentos variados. (P2) A importância se dá pelo fato de que o aluno está constantemente em contato com os gêneros textuais, e se nós professores mostrarmos a eles, pois a maioria não sabe o que é, fica bem fácil à aprendizagem assim como, no dia a dia ou no contato com esses gêneros.
6 – Quais os tipos de gêneros textuais foram aplicados em sala de aula?	(P1) Poemas, contos, fábulas e outros. (P2) Utilizo a leitura de anúncios, crônicas, receitas e contos.
7 – Como se processam as atividades de leitura em suas aulas? E com que frequência?	(P1) Por meio de rodas de leitura e é executado uma vez por semana. (P2) Diariamente peço aos alunos para lerem em voz alta.
8 – Em sua opinião, quais são as maiores dificuldades encontradas por eles no momento da leitura?	(P1) Interpretação textual e a oralidade. Eles possuem um nervosismo imenso quando fazem a leitura em voz alta, não são habituados a ler em público. (P2) Compreender e interpretar o que o autor diz.
9 – O processo está condicionando ao aluno o efetivo uso da leitura em suas práticas sociais?	(P1) Sim, não do jeito que deveria ser, mas aos poucos os alunos vão sendo direcionados. As dificuldades são bastante, porque nossos alunos não são bem preparados e isso também é um problema social. (P2) Sim, pois se trabalha a leitura para

	que futuramente o aluno possa utilizar em suas práticas futuras.
10 – Qual sua contribuição, como educador, para o desenvolvimento da prática de leitura?	<p>(P1) Elaborar projetos que visam estimular a leitura e sua interpretação. É um trabalho árduo, mas acredito que se soubermos trabalhar de acordo com a realidade dos alunos, eles poderão ter o prazer na leitura. Devemos trabalhar textos que os alunos gostem e com o tempo eles se adaptarão aos outros gêneros textuais.</p> <p>(P2) Pela pouca experiência que tenho, procuro sempre dar o meu melhor e fazer com que aprendam. Incentivo-os a lerem, ainda não foi possível ler nenhum livro com eles, mas esse é o plano e espero que dê certo.</p>

As perguntas feitas às docentes tinham o objetivo de saber a quanto tempo elas lecionavam a disciplina, quais suas estratégias de ensino para o aproveitamento dos alunos e suas estratégias para o desenvolvimento da leitura e seus gêneros textuais.

Na análise das indagações feitas às docentes, pode-se observar que a escolha da profissão nem sempre é uma primeira opção, mas a realidade educacional apesar de suas mazelas e condições sempre encanta os educandos.

Outra observação importante é que apesar de ambas as docentes terem pouco tempo de magistério, há uma necessidade própria de continuar seus estudos e buscar novos conhecimentos.

As mesmas são graduadas na Licenciatura de Língua Portuguesa, e no momento não possuem nenhuma especialização, mas pretendem cursar quando houver oportunidade.

Quando foram questionadas sobre a importância de trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, houve o reconhecimento mútuo de que a introdução dos gêneros textuais é essencial para o conhecimento das outras formas de produção textual, e principalmente, para reconhecer esses gêneros no seu dia a dia.

E nos seus trabalhos em sala de aula as docentes utilizam contos, fábulas, receitas, poemas, crônicas, anúncios. E realizam atividades diárias e semanais com esses gêneros textuais nas atividades em sala de aula. Destacando que a leitura é um ato que depende de estímulo e de motivação contínua. Sua prática é uma tarefa

essencial para a construção do conhecimento e a formação do indivíduo, além de ser geradora de sentimento e de opinião crítica, exercendo sobre o indivíduo o poder de expandir seus horizontes.

É uma atividade que em cada leitor produz um significado de acordo com a experiência e o conhecimento que cada um tem, ou seja, a leitura em todos os seus aspectos que a compõem, deve servir de elo com a realidade social do educando, ambas são indissociáveis do processo educativo.

Nas dificuldades apontadas pelas docentes foi apontado o nervosismo na hora da leitura, assim como, a dificuldade de ler e compreender o texto.

E todas são unânimes em afirmar que há uma dificuldade em introduzir a leitura como prática cotidiana desses educandos. Já que grande parte deles não foi habituado a tal comportamento, ou melhor, não tiveram as condições necessárias para ler e compreender os textos.

Ao serem perguntados sobre a contribuição deles para mudar essa situação as docentes, elaboram projetos para auxiliar nessa dificuldade, pois elas percebem que se eles conseguirem ler e interpretar adequadamente. Isso irá contribuir para um bom aproveitamento nas outras disciplinas.

Observando as respostas obtidas, percebeu-se que as docentes foram muito sucintas, respondendo adequadamente a cada pergunta feita, mas foi possível notar que, para elas, a leitura é fundamental no cotidiano do educando. Contudo, a que considerar a realidade dos educandos, que geralmente têm dificuldades na transição do Ensino Fundamental Menor (1º ano ao 5º ano) para o Ensino Fundamental Maior (6º ano ao 9º ano), e a leitura é um dos aspectos que necessitam de maior atenção, exigindo dos docentes atividades e projetos que desenvolvam o hábito da leitura e, conseqüentemente a sua interpretação.

Conclui-se que, em suas respostas, ambas as docentes tratam a leitura como um elemento fundamental para o desenvolvimento do educando. Acredita-se que aulas bem planejadas e fora do espaço lúdico seria uma excelente opção para motivar o aprendizado dos educandos, mas sabe-se que não depende somente dos docentes para que tais mudanças aconteçam, é preciso que a escola se mobilize, dando oportunidades aos professores para diversificarem suas aulas e não estarem presos a uma grade de conteúdos que tão somente ensina o básico e deixa passar o que pode realmente dar ao aluno a oportunidade de aprender e formá-lo um cidadão crítico e gerador de opinião.

3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS

Na prática em sala de aula, foram observados o trabalho dos gêneros textuais, com a utilização de anúncios de jornais e revistas, contos, fábulas e o uso de revistas em quadrinhos, e a produção de textos próprios sobre assuntos do cotidiano deles. O que possibilitou o conhecimento da realidade dos educandos, e, em consequência um pouco da história de cada um deles.

Nas aulas observadas, especificamente na aula que, pela docente foi intitulada com, Roda de Leitura, observou-se a diversidade de textos empregados pela mesma, pois, em uma conversa com a docente, ela mencionou trabalhar com a diversidade de gêneros para ativar o conhecimento prévio do educando.

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual a leitura era definida, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizada ou não alfabetizada, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 2008, p. 19).

Nesse sentido, como ressalta a autora, a escola é uma fonte de aquisição de habilidades, que nortearão ou não o comportamento crítico dos educandos, assim como, no decorrer do trabalho se verificou que há uma carga de responsabilidade maior no educando. Mas as condições de trabalho dos docentes nem sempre são condizentes com as responsabilidades que lhe são exigidas.

Na conversa informal com os educandos percebemos que eles, são em sua maioria alunos oriundos de turmas multisseriadas, já que nas localidades onde moram ficam distantes da cidade de Tailândia. E por tal particularidade, muitos deles saem de suas casas muito cedo, e acabam chegando cansados na escola. Contudo, a relação com os docentes é bem dinâmica. Mas eles reconhecem a sua dificuldade na leitura. E muitos afirmam que a dificuldade nessa área já é de longa data, mas eles percebem que estão melhorando e que gostam das aulas.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos e o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (PCN, 1997, p.58).

Nesse sentido, o docente precisa ter em mente que ensinar a ler não é apenas ensinar a decodificar as letras e as palavras, e formar leitores capazes. É dele o papel de conduzir a aula, proporcionando situações de leituras diversificadas, ajudando os educandos a interrogarem o escrito: como a procura de sentidos e de hipóteses, a partir de indícios e de verificação, ajudando a elucidar suas próprias estratégias, facilitando, assim, a interação e a participação. Dessa forma, despertando o prazer pela leitura.

Cabe ao docente estimular o educando a ter o desejo pela leitura, trabalhando de diversas formas e usando diversas estratégias, colocando-se na condição de parceiro e servindo como modelo, passando segurança, de maneira que o educando veja no docente o perfil de um bom leitor e perceba a importância da leitura na vida do indivíduo, seja na escola ou fora dela, como preconizam os PCN:

Para tornar os alunos bons leitores. para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobiliza-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisa fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisa torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a • aprender fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (PCN,1997, p.58).

Para Zilberman (1995), a área da leitura ocupa um lugar de destaque no aprendizado, sua prática ocupa toda a carreira escolar do educando. Se estimulada e exercitada com maior atenção pelos docentes, intervém em todos os setores intelectuais que dependem para a difusão do livro, repercutindo especialmente na manifestação escrita e oral do estudante.

Contudo ao término das observações com os educandos, docentes e na escola, percebe-se que há a necessidade de aprofundar as considerações e dificuldades encontradas. Pois este trabalho pode servir de base para indagações futuras ou como subsídio para análises iniciais do referido assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todas as etapas da elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso - TCC, acreditamos que os objetivos propostos foram alcançados e ao mesmo tempo adquirimos conhecimentos grandiosos, de vários teóricos mostrando seus ensinamentos com precisões, e ressaltando as alternativas educativas para o ensino da leitura.

Obtemos um olhar diferenciado a partir do momento que começamos a fundamentar nossos conhecimentos teóricos sobre o processo de desenvolvimento do sujeito nas suas fases de vidas.

As atividades de leitura desenvolvidas na escola são essenciais na formação de novos leitores, e muitas vezes a escola é o ponto de partida para essa prática, no entanto, não é a realidade que encontramos nas salas de aulas, através das observações feitas e a pesquisa realizadas no 6º ano. Nas duas escolas percebemos que há vários fatores que impedem essa construção de conhecimento que estão bem distante da realidade dos educandos. Alguns educandos não têm o hábito da leitura, criando assim barreiras para uma interpretação com eficiência no seu ensino de aprendizagem e muitos docentes preocupados em cumprir a grade curricular.

A intervenção do docente nesse processo de ensino e aprendizagem é importantíssimo para tentar sanar esses contratempos que encontramos na sala de aula. Saindo de fato do tradicionalismo que ainda ocorrem em sala de aula, e atuar com precisão e diversidade de atividades para a melhor compreensão dos alunos.

Infelizmente muitos educadores ainda ignoram a função da leitura e suas inúmeras possibilidades. Possibilitando com que esse ato se torne algo prazeroso e gratificante. Isso ainda acontece porque muitos desses docentes não dispõem de uma formação adequada para o ensino de língua portuguesa que os possibilitem criar uma ou outra concepção acerca do ensino de leitura.

Contudo, há um crescente avanço no intuito de mudar essas práticas, que visam despertar nos educandos o gosto pela leitura e a sua importância para sua vida futura, e principalmente, torná-la uma fonte de informação, entretenimento e disseminação da cultura. Esses educadores mostram-se conscientes de que a formação do leitor reflete diretamente na construção de sua cidadania e a construção da cidadania traz grandes impactos políticos e sociais para o nosso País.

A prática social da leitura é um aspecto relevante na formação do sujeito, já que os conteúdos apreendidos ou até mesmo os informacionais, necessitam da prática leitora. E o sujeito que não tiver acesso ficará à margem da informação e conhecimento.

Percebe-se especificamente que no ensino da leitura ainda existem problemas a serem reparados. A maneira como é trabalhado e inserido em sala de aula, as dificuldades de produção e de compreensão textual dos alunos, são alguns fatos. Por meio dessa pesquisa se obteve contato com a realidade escolar e foi possível perceber que, nas escolas, a leitura é um elemento de grande relevância para o crescimento cultural e intelectual do aluno.

Nos tempos atuais a necessidade de informações e as constantes mudanças no cenário social, cultural e educacional, alteraram significativamente a dinâmica das relações sociais. E em consequência a forma como essas mudanças estão criando uma nova cultura e modificando as formas de produção e apropriação dos saberes.

Não há como e nem podemos ignorar as inúmeras possibilidades educativas – que essas transformações podem agregar ao cenário educativo. E em consequência, torna-se urgente que a escola inclua nas suas práticas pedagógicas estas linguagens, de forma que, através delas, o educando possa ampliar o seu universo cultural. Quanto mais amplo for o seu entendimento do real, menos ameaçado ficará diante dos desafios provocados pelas novas formas de comunicação.

A vida dos educandos é diretamente influenciada pelas diversas linguagens que se desenvolvem fora do âmbito escolar. Pela leitura de imagens e palavras que têm como suporte a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, etc., o que provoca novas maneiras de ser leitor e escritor e novas formas de estar, compreender e interferir neste mundo marcado pela cultura tecnológica.

Há que considerar que é importante ter a noção de que a formação do leitor requer um trabalho de natureza interdisciplinar e multidisciplinar, uma vez que não se pode construir um posicionamento crítico a partir de uma única perspectiva. Dessa forma, é necessário que um tema, ao ser trabalhado em sala de aula, seja abordado pelas diversas áreas do conhecimento, a fim de permitir que ideias e valores possam ser comparados e criticados.

Sendo a leitura um instrumento de apropriação do conhecimento, ferramenta que permite aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino

em todas as áreas, a tarefa de formar leitores é da responsabilidade dos educadores das diversas disciplinas e não apenas do professor de Língua Portuguesa.

Portanto, um dos grandes desafios que se coloca à escola, hoje, é tornar a leitura o centro de todas as discussões pedagógicas que nela ocorrem. O educador deve abandonar a convicção de que a responsabilidade é sempre de fatores exteriores à sua profissão e abandonar o discurso da preocupação com a leitura, assumindo, efetivamente, uma preocupação com a prática, adquirindo uma postura preocupada com uma fundamentação teórica que possa subsidiar uma nova postura metodológica, cumprindo com a sua função nesse processo.

Sabe-se que o ensino hoje, no Brasil, ainda enfrenta grandes dificuldades, mas se os educandos puderem contar com a escola e com professores comprometidos, que tenham uma visão diferenciada para o ensino da leitura, acredita-se que, dessa maneira, a escola consiga alcançar as necessidades dos educandos.

A partir do momento em que o docente ajuda os educandos a compreenderem o significado real da importância da leitura em suas vidas, com certeza teremos um ensino mais qualificado e, conseqüentemente, educandos aptos a fazerem uma leitura eficaz e produtiva. Assim, esses educandos terão condições de aprenderem a partir dos textos que leem. Então, alcançaremos sucesso no que diz respeito a aprendizagem significativa, poderemos dizer que formamos leitores autônomos capazes de se posicionar diante dos mais diversos tipos de textos, e não apenas teremos aqueles alunos limitados a decifração dos códigos.

Uma das possíveis atitudes que nos levariam a alcançar esse resultado seria o investimento em aulas estratégicas que possibilitem ao docente um contato mais prazeroso com a leitura, para que ela deixe de ser um sacrifício ou uma obrigação, mas que passe a fazer parte do cotidiano da vida dele e, que seja instrumento fundamental para novas descobertas.

Mas é necessário maior interesse no que diz respeito ao ensino da leitura em si, e preciso pensar na leitura como prática social e não só como objeto de conhecimento, pois tudo gira em torno da leitura, em todos os momentos de nossa existência ela está presente. No entanto, vale ressaltar que a escola tem de desempenhar melhor o seu papel nesse sentido, pois o que foi visto, na prática, no período de observação, foi um ensino mais preocupado em cumprir a grade curricular, deixando de lado o que é essencial para o desenvolvimento da compreensão leitora do educando. E, desse modo, o que se obteve como resultado

foram educando não muito interessados em aprender, mas, sim, preocupados em cumprir suas atividades para serem aprovados ao final do ano.

E claro que não depende somente da escola e dos professores para se ter um resultado melhor e mais significativo, tem de partir dos educandos, também, o interesse em aprender, mas existe a necessidade de motivação e incentivo, é preciso que alguém lhes mostre o caminho a seguir e quais os primeiros passos a serem dados.

Esse é o papel da escola, permitir ao educando oportunidades de aprender realmente a importância da leitura na vida de todo o cidadão, para que ele possa, com seus olhos, visualizar novos caminhos para novas descobertas e, assim, tornar-se um leitor crítico e competente.

O aluno fora da escola, não se lê só para aprender a lê, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavras por palavras, mas para mostrar o que mais gostou na leitura.

A leitura é muito importante em nossa vida cotidiana e torna-se interessante, a partir do momento que o indivíduo desenvolve conhecimentos discursivos, interativos e linguísticos, permitindo a este a ler e expressar-se apropriadamente em situações de interação tanto oral como escrita. Ler implica não só decodificar letras, mas interpretar aquilo que leu ou ouviu. Para que a leitura se efetive e preencha lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais

Contudo na execução do ensinamento, não é só o docente propriamente dito, mais de todos envolvido na educação, família e a comunidade em geral. Afim de transmitir conhecimentos e contribuir com aqueles que buscam adquirir boas instruções para a sua vida.

Nessa pesquisa tentamos compreender e entender que a leitura deve ser essencial para cada sujeito, afim de que realmente eles sintam a necessidade e precisão de uma leitura agradável em sua convivência tanto cultura, familiar e emocional.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: Uma introdução ao estudos de psicologia**, 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC, 1997. 144p.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC, 2001. 144p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 26 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

KLEIMAN, Ângela B. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 12^o ed. Pontes. Campinas, SP: 2008.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MATTA, Sozângela Schemimda. **Linguagem e Interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. RJ: Wak. 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 21.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 279p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128 p.

SILVA, E. T. da. **Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda!** In: _____. *Conferências sobre leitura: trilogia pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2003

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004. 72 p.

REGO, Tereza C. **Vygotsky, uma perspectiva histórica cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.